

REVISTA

bulunga

agosto de 2024 - número 32

CULTURA
WOKE

QUE PORQUEIRA É ESSA?

EDITORIAL

Para milhões de brasileiros, durante décadas, o maior pesadelo de suas vidas era pensar na possibilidade de um dia o Silvio Santos morrer. Todo mundo morre, afinal, mas como ficariam os domingos sem ele? E a hora chegou. Aos 93 anos, apagou-se a sua luz, e ninguém poderá substituí-lo.

Domingo era sinônimo de “Show de Calouros, e enquanto pior fosse o candidato, melhor. Havia quem gostasse de “Qual é a Música”, e até mesmo das dublagens do controverso Pablo. Era dia de “Topa Tudo por Dinheiro”, com os aviõezinhos de 50 ou 100 reais lançados pelo apresentador carismático, que chamava as suas fãs de “minhas colegas de trabalho”. E o “Namoro na TV” era um sucesso absurdo.

Quando começavam as “Pegadinhas”, o Brasil parava, e tinha gente que acreditava que era tudo verdade. Mas dava para desconfiar quando as “vítimas” desferiam socos e chutes de mentirinha no Marquinhos (quê o quê o quê o quê...) ou no Ivo Holanda.

Mas Silvio Santos se foi, e com ele um tempo em que as famílias se reuniam aos domingos em torno de um único aparelho de TV para comerem arroz, feijão, macarronada com extrato de tomates e frango assado. Naquele tempo, não havia essa insuportável polarização que mudou a face do Brasil e do mundo, dissolvendo as famílias.

Sílvio Santos até pensou em entrar para a política, mas foi barrado pelo TSE, pois na certa venceria e seria capaz de promover mudanças nessa coisa repugnante que se transformou a política e os podres poderes no Brasil.

Na edição nº 26, de fevereiro deste ano, fizemos uma homenagem ao mestre da comunicação, mas ele merecia mais. Adeus, Silvio!

O ALARIDO DOS PALPITEIROS

O que mais se vê são pessoas cheias de opiniões. Boa parte disso se deve às redes sociais, capazes de expor qualquer coisa, seja banal ou complexa, em 30 segundos ou menos. Contudo, a verdade é que as redes sociais são o veículo das pessoas, e o erro não está no meio, mas no agente e receptores. O que antes acontecia em pequenos círculos, entre amigos e parentes e vizinhos e colegas de trabalho, espalhou-se de maneira viral e qualquer um pode se “deleitar” com as prodigiosas asneiras proferidas aos quatro ventos e múltiplos gostos. Pois há quem goste, e goste muito.

Enfim, ensina-se tudo: de cozinhar um javali inteiro em duas lições à complexidade da vida em três etapas, aprender um idioma em 5 minutos ou tornar-se milionário num clique. A base para esta sutil inépcia é sedutora: por que gastar tempo e não obter nenhum resultado?... Você não precisa se esforçar, basta seguir o passo-a-passo do “milagreiro”, e pronto! O suficiente para aprender tudo de física quântica em uma aula. E os problemas estarão resolvidos em um piscar de olho.

Ora, a comodidade, para não dizer preguiça, é a mola-mestra a fazer o homem pular da ignorância para o obscurantismo. Porém, nada disso aconteceria se o homem não se considerasse a si mesmo a última bolacha do pacote. A moda são as pessoas, de maneira geral, se considerarem capazes de praticamente tudo, estimuladas por coachs, terapeutas e psicólogos e qualquer apelo instantâneo à conquista. Rápido e rasteiro, como se diz; tudo sem custo, esforço e ainda manter descongelado apenas dois neurônios.

Sobram ao engabelado os palpites em várias esferas, com a sagacidade de uma pedra e o intelecto de um energúmeno. Incapaz de amarrar os próprios cadarços, se mete a pitacos na vida alheia, nos problemas insolúveis, e em remédios tão inócuos como placebos.

Onde vamos parar? Se aquele amigo divorciado trocentas vezes se mete a orientar sobre casamento? Ou o falido mil vezes ocupa o posto de diretor do Banco Central? E o apedeuta à imortalidade na A.B.L.? ... Afinal, nada disso está muito distante de acontecer. Ao ver dos célebres e anônimos alvitreiros.

Resta-nos aceder aos novos tempos; não basta ver, mas achar que vê... pois, em terra de cego, quem tem um olho é rei.

Jorge F. Isah

O significado literal da palavra "woke", passado do verbo inglês "wake", é "acordar", "despertar". O dicionário inglês Oxford acrescentou este novo significado, definido como "estar consciente sobre temas sociais e políticos, especialmente o racismo". Isso porque o termo teria surgido na comunidade afro-americana, e foi com o movimento Black Lives Matter que ganhou destaque, para denunciar a brutalidade policial contra as pessoas afrodescendentes. Mas acabou se espalhando além da comunidade negra e passou a ser empregado com significado mais amplo, tornando-se sinônimo de políticas liberais ou de esquerda, que defendem temas como igualdade racial e social, feminismo, o direito ao aborto, o movimento LGBTQIA+, o uso de pronomes de gênero neutro, o multiculturalismo, o uso de vacinas e o ativismo ecológico.

Uma prática que vem gerando muito mal-estar é o discurso do "politicamente correto", com um patrulhamento em tempo integral de ativistas invisíveis, que exigem um falar e um agir de maneira que não ofenda às minorias, promovendo o "cancelamento", espécie de boicote social e profissional, normalmente realizado por meio das redes sociais, contra indivíduos que fizeram ou disseram algo que, para eles, é intolerável.

E o humor, para esse grupo, é o seu principal inimigo, que declara uma verdadeira guerra contra aqueles que se arriscam a abordar, mesmo

A CULTURA

que de maneira leve, determinados temas, para eles, proibidos, acerca de negros, pobres, chineses, gays, anões, gordos, deficientes físicos e mentais, reptilianos e até ET's: não se pode até mesmo mencioná-los, ainda que a piada seja feita por algum de seus próprios representantes, que serão sumariamente acusados de serem racistas, mesmo que não estejam se referindo necessariamente à cor da pele. Para eles, "quadro-negro", "buraco-negro", "caixa-preta" são palavras racistas e quem as proferir deve ser severamente punido. Anões devem ser chamados de "pessoas



pequenas”. Gordos são “pessoas acima do peso”. Retardado é um “deficiente intelectual”. Quatro-olho é um “deficiente visual”. E por aí vai.

Agem com autoritarismo, com o propósito de banirem o preconceito da sociedade, de forma intransigente, mas acusam os seus oponentes de serem autoritários, e a tendência é só piorar, com o agravamento da polarização e a possibilidade de combates físicos e até armados, pois seus opositores tendem a reagir em igual proporção.

Chegam a tal nível de estupidez que exigem a mudança do vocabulário, com a imposição de uma linguagem “neutra” e a criação de novos pronomes inexistentes na língua pátria, a exemplo do famoso “todes”.

O movimento foi estrategicamente abraçado pelo socialismo, como forma de desconstruir a sociedade patriarcal e a família tradicional, pois odeiam a clássica formação “papai-mamãe-e-filhinhas”, que se apegam a conceitos de propriedade, prosperidade, estabilidade financeira e, pior ainda, liberdade, pois querem uma população dependente de seu absoluto controle.

O principal propósito de Marx e Engels, e daqueles que os seguiram nos últimos séculos, era a distribuição de renda, mas os novos socialistas, hoje chamados “sociais-democratas”, ou “progressistas”, entenderam que, mais do que isso, o povo desejava a liberdade sexual, e por isso investiram em um público jovem e confuso, explodindo em



a Branca de Neve morena

hormônios, incutindo-lhes o questionamento de sua própria identidade.

É muito fácil identificar um “woke”, assim como não existe dificuldade de se apontar um conservador. Um “woke” normalmente se veste de forma ambígua: as mulheres usam cabelos coloridos (uma única mecha na franja já virou símbolo), os homens usam acessórios femininos, inclusive lingerie; ambos cultivam os cabelos cortados de forma assimétrica, poucos tomam banho, enquanto os conservadores, normalmente, utilizam roupas casuais ou clássicas.

Recentemente, a Disney foi acusada por alguns setores conservadores de “fazer ativismo woke”, quando escolheu uma atriz negra como protagonista da nova versão do clássico “A Pequena Sereia”. No desenho original, a personagem Ariel (baseada no conto de fadas de Hans Christian Andersen) é retratada como uma sereia de pele branca, olhos azuis e cabelos ruivos.

Da mesma forma, foi filmada uma versão



a nova formação de “Star Wars”



woke de "Star Wars", que teve uma péssima aceitação do público, prontamente acusado pelos "wokes" de ser conservador, racista, fascista e genocida.

Uma nova versão da história da "Branca de Neve" foi lançada, com a escolha de uma atriz morena, latina. Outro exemplo é o filme "Divertida Mente" (1 e 2), que cumpre toda a agenda "inclusiva", retratando mulheres fortes, em contraposição a homens fracos, efeminados; as mulheres possuem aquela famosa mecha colorida no cabelo, que identifica a sua opção sexual homogênea, nota-se a presença de uma chinesa, de uma islâmica, de latinos, além de muitos negros, quase sempre na liderança. A protagonista é loira, de olhos azuis, mas é frágil, confusa, cheia de dúvidas, que dá até dó.

Nos Estados Unidos da América, o "movimento" ganhou dois fortes inimigos: Donald Trump, que tentará novamente se eleger

como Presidente, e Elon Musk.

Mas tem também DeSantis, governador da Flórida, que é um dos republicanos que mais ressaltam os supostos perigos da cultura woke. Nos seus discursos, ele costuma repetir que "woke é a nova religião da esquerda".

O maior inimigo do "woke" é o homem branco, heterossexual (ou "cis", como eles gostam de falar), trabalhador, capitalista, que sustenta esta sociedade. Se depender dos "wokes", ninguém mais trabalha, pois o que mais querem é "liberar geral".

Ser "Woke" é ser "do contra". É uma confusão, um anarquismo, um paradoxo, uma burrice. Existem "wokes" negros e gays que usam camisa com a foto Che Guevara, que apoia o Hamas e a Ku Klux Klan, que os eliminariam sem pestanejar. E mulheres "woke" que abraçam o islamismo, que considera as mulheres seres inferiores.

Realmente, não dá para entender.

Michel Salomao



o inesquecível

MARCELO MASTROIANNI

Ele é considerado o maior ator italiano de todos os tempos, mas não é justo restringir o seu campo de atuação àquele país, pois foi um verdadeiro monstro da história do cinema, tendo atuado em mais de 150 filmes, a partir de 1945, até a sua morte, em 1996.

Trabalhou com os maiores diretores de sua época, entre eles Luchino Visconti, Vittorio



de Sica, Ettore Scola e, principalmente, Federico Fellini, seu cineasta preferido e grande amigo. Foi com ele que fez dois dos filmes considerados seus maiores clássicos: "8 1/2" e "A Doce Vida". Fez par com as mais belas atrizes



e a mãe, dona de casa.

Começou trabalhando como contador, mas fazia peças teatrais com uma colega que depois viria a ganhar o estrelato, Giulietta Massina, e que décadas depois com ela atuaria

de sua época, como Sophia Loren, Catherine Deneuve e Faye Dunaway, ganhando a fama de conquistador, pois teve um notório envolvimento com as duas últimas, entre outras 116, conforme foi retratado em sua biografia, "Mastroianni – La Bella Vita, escrita pelo jornalista Enzo Biaggi, o que o modesto ator negava com veemência.

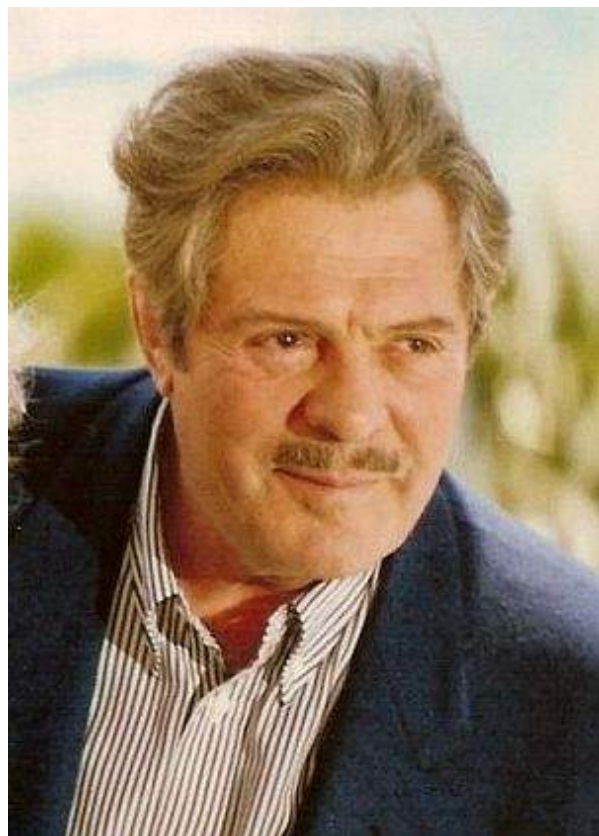
Ele veio de uma família simples: o pai era carpinteiro



no filme “Ginger e Fred”, de Federico Fellini: ela no papel de Ginger Rogers e ele como Fred Astaire, ambos na terceira idade.

Poderia ter sido um galã como outro qualquer, pois se destacava pela sua beleza, mas não aceitou a trajetória de “amante latino” que a indústria do cinema pretendia lhe impor, recusando o título e acabou se embrenhando por personagens esquisitos, como o marido impotente de “O Belo Antônio”, ou um velho gay, em “Um Dia Muito Especial” e ainda um amante decadente, em “Casanova e a Revolução”.

Mastroianni conquistava o público com o seu jeito aparvalhado, triste, meio tímido, e era retratado pelos amigos e colegas de elenco



merecem ser vistos: “Ciao Maschio” e “A Comilança”, ambos do controverso diretor Marco Ferreri.

Curiosamente, interpretou o Turco Nacib, na versão cinematográfica de “Gabriela” (1983), do romance de Jorge Amado, e Direção de Bruno Barreto, atuando ao lado de Sônia Braga, que participou da consagrada novela da Globo.

como uma pessoa encantadora, boa e generosa, e esse jeito espontâneo era levado às telas, tendo atuado em dramas e comédias com a mesma desenvoltura.

Foram tantos filmes bons, que fica difícil enumerar, além dos já citados, mas não podemos deixar de mencionar dois deles, que não foram bem recebidos pela crítica da época, mas que





OLIM..PIADAS

O torneio mundial de esportismo, também conhecido como Olimpíadas, sediado em Paris, na França, neste ano de 2024, foi um verdadeiro festival de piadas de mau gosto. Os alojamentos eram insalubres, a comida tinha larvas, o Rio Sena estava infectado e contaminou os nadadores, os juízes faziam vista grossa para determinados erros dos atletas franceses, nos fazendo lembrar a parcialidade dos julgadores de regimes ditatoriais, e não havia banheiros e chuveiros suficientes para as delegações, o que comprova que os franceses nunca foram muito



chegados em higiene.

Mas o que mais impactou o evento foi a desastrosa abertura: colocaram um bando de travecos (tenho que usar o termo “mulheres trans” para não ser cancelado) satirizando o quadro “A Santa Ceia”, de Leonardo Da Vinci, com o incontestável propósito de afrontar a moral Cristã. Na sequência, fizeram um desfile de “drag





queens” se contorcendo como vermes e estampando em seus rostos expressões bizarras, embalados por umas músicas exóticas, como se isso fosse o mais belo exemplo da arte contemporânea.

Não dá para deixar de lembrar do filme “Priscilla, a Rainha do Deserto”, que é muito bom, um clássico, e trata do drama (sim, era um drama, apesar de parecer comédia) de um grupo de “drag-queens” que viajavam pelo deserto australiano para a realização de um show musical em um resort na cidade de Alice Springs.

Coincidentemente, os três excelentes atores que interpretam as drags, Hugo Weaving, Guy Pearce e Terence Stamp, são reconhecidamente heteros, ou seria demasiadamente óbvio escalar um trio gay para ficar desmunhecando em cena.

Teve também o episódio da boxeadora argelina, que não teria um excessivo índice de testosterona, por isso apelidada de “Kid Bengala”.

Mas o mundo não é gay. Estima-se que o percentual de homossexuais na população mundial não

exceda a 4%, mas que na França este número está próximo a 10%, enquanto no Brasil pode chegar a 14%. Desse grupo, a maior parte trabalha, paga impostos, leva uma vida normal, sem fazer alarde ou criar confusão, e nada justifica um espetáculo dessa magnitude organizado

por uma minoria ligada a grupos políticos de esquerda, que insiste em transgredir, em “chocar” o mundo.

Este artigo não possui a intenção de incitar o leitor a qualquer preconceito ou exclusão, mas procura, antes de tudo, pincelar o texto como uma discreta camada de humor.

E a ironia é que, ao final, homossexuais e grupos étnicos reprovaram severamente a iniciativa do país do Presidente Lacron, que queria lacrar, mas que acabou se lascando.

Kassiusclay Amaral





MURO DE VAPOR

Jorge F. ISAH

O ônibus estava no sinal. Na pista da direita. Ia fazer a conversão à esquerda. Filas de carros congestionadas... Buzinas... Dedos em riste... Impropérios... Pedestres entre carros... Motores a fumar... Pneus a friccionar espasmos... Malabares, bolas e pinos... Ambulantes... Panfletos e esmolos... Em meio ao cáustico verão, a Lua a despontar e multidão de estrelas ofuscadas pelos postes, neons, faróis e janelas... Era um sinal de quatro tempos. Moroso e ineficiente. Sexta-feira à noite. Ia me encontrar com uns amigos no 'Xico do Churrasco'. Precisava desopilar o fígado; os últimos dias de trabalho foram exaustivos e impiedosos. A cobrança do novo chefe a aumentar cada vez mais. Sem dar qualquer trégua. Os homens de cima a pressioná-lo também. Por resultados imediatos, ou ameaçavam demissões. E nada podia ser mais terrível e descabido do que um chefe com a cabeça a prêmio.

— Cadê o relatório, Leo?

— Estou quase terminando.

— Poxa, onde já se viu isto?... Faz duas horas que pedi o relatório e ainda não está pronto?

Respirei duas vezes. Os nervos em frangalhos. Havia três noites sem dormir, apenas cochilos intermitentes, nada a durar pouco mais de três horas no geral. Não era dado à insônia, raramente acometia, mas, por último, certos devaneios abalavam-me, sem que pudesse explicar; apenas experienciava um grau de nervosismo a impedir-me recostar no travesseiro e descansar, como se a cama estivesse mal feita, como no velho adágio.

— Borges, são dez horas da manhã. Você me pediu dois relatórios. O Armando me

pediu as planilhas de cálculos. Urgente. E o Humberto ainda me chamou na sala dele para me contar que a Brasx ameaça cancelar o contrato. Me pediu para ligar para o Dr. Roberto e marcar uma reunião. Antes de você assumir a chefia, quem cuidava do contrato era eu. Portanto, ou vocês entram num acordo e vejam qual é a prioridade, ou contrate mais alguém para me ajudar. Sou apenas um. Não dá pra fazer o serviço de três ao mesmo tempo.

Todos na sala ficaram em silêncio. O Borges era reconhecidamente alguém de estopim curto. Gostava de gritar e dar murros na mesa. De se impor na marra. Reflexo da incompetência e do parentesco com o Armando, um dos diretores a resguardar-lhe as costas. E, na certa, chegava-lhe aos ouvidos as conversas maledicentes de estar ali por conta das afinidades com o chefe. Duvidava seriamente dele ser capaz de amarrar os sapatos sozinho. Talvez, por isso, preferia usar modelos sem cadarços.

A minha fama era de um cara educado, mas com o calo sensível. Daqueles a dar um boi para não entrar em uma briga, mas uma boiada para não sair dela. Era bem verdade que, nos últimos tempos, tentava ser menos impetuoso, árdego. Antigamente as coisas se resolviam, via de regra, entre socos e pontapés. Hoje, gasta-se muita saliva para não sair do lugar. É sobremodo decepcionante. E como falar é algo a se fazer no trato de coisas estritamente necessárias, não dava para perder tempo com parlapatório inútil, em meio às disputas e exigências na corporação.

Todos esperavam um espetáculo, naquele momento. Contei mentalmente de um a três, fixei-me no rosto do Borges, enquanto cravava os seus nos papéis sobre a minha mesa.

— Quando fica pronto?

— Vou terminar as planilhas do Armando e

fazer a ligação para a Brasx... Acho que em uma hora, uma hora e meia, o relatório estará na sua mesa. Deu-me as costas e voltou para a sala.

O Cacá, um tipinho intrometido e mestre na arte de condoer-se, deu-me um tapinha no ombro.

— Desta vez teve sorte, amigo!

Ele era velho. Na casa dos cinquenta e tantos. Solteiro. Gostava de usar base nas unhas e fazer escovas nos cabelos. Havia nele um ar meio... digamos... dengoso demais. Perdoe-me o eufemismo, mas em tempos como estes, onde a verdade tornou-se pior e mais ofensiva que toda a sorte de mentiras, calúnias, malabarismos artificiais e irracionais, não havia chances de eu cumprir uma sentença com trabalhos comunitários ou cestas básicas... seria enviado ao Gulag mais próximo. Se desse sorte, e cá entre nós, sou tão caipora que preciso de muita sorte no meu azar, era capaz de ser extraditado para Ruanda, preso em Gitarama. Era melhor elogiar o Cacá, por via das dúvidas.

Por outro lado, odiava o jeito afetado de alguns se referirem a alguém como “amigo”, “querido”, “meu caro”, quando se sabe muito bem não passar de fingimento e jacobice. Mas há de se suportar, senão acaba-se louco e aleivoso como eles. No fundo, Cacá e seus problemas não eram meus. Então, o elogio viria no dia de São Nunca.

- Tira pra lá essa mãozinha e guarde-a pro saco do Papai Noel!

O sinal abriu. O motorista esperava a fila da esquerda se mover, para mover o ônibus também. O tráfego evoluía lentamente. O chofer seguiu um pouco em linha reta, à espera de posicionar-se melhor para assumir a pista da esquerda. Mas teve a frente obstruída por um Fiat azul. Ele buzinou. O carro estancou diante do sinal. Nisso, surgiu uma pick-up Bandeirantes, cabina estendida, jogando-se toda à esquerda, descrevendo uma curva aberta. Contornou a frente do Fiat, fechando a curva na direção da lateral direita do

ônibus. Queria bater naquele ponto. No meio do ônibus. O Fiat então acelerou. Num movimento rápido, o ônibus acelerou também, a jogar-se para a esquerda, o suficiente para a pick-up apenas raspar o para-choque traseiro. Continuou célere. No ônibus estava o maior alvoroço. Havia pouco mais de dez pessoas, o suficiente para uma gritaria infernal. Eu mesmo fiquei estarecido com a manobra da pick-up. O cara devia ser um louco... Disposto ao suicídio... A se vingar do motorista... Talvez um lunático ensandecido... Ou tudo não passava de encenação da TV, que exibia a perseguição ao vivo, via satélite, por alguns pontos a mais na audiência?

Virei-me e pude ver a pick-up a nos perseguir.

O motorista do ônibus cravou o dedo na buzina. Por mais estúpido que pudesse ser, parecia que ele sabia o perigo que estávamos correndo. Não se dispôs a estacionar. Acelerou o veículo. A gente sacolejava de um lado a outro. Não entendia o que se passava. Tudo era tão estranho que custava admitir não fazer parte de algum episódio televisual do tipo enlatado americano, com as particularidades de uma produção terceiro-mundista... Gritos. Berros. Pedidos de socorro. Súplicas a Deus e a todo tipo de santo. Palavrões... Eu, em silêncio. Na esperança de me posicionar da melhor forma possível, caso houvesse um choque. Imaginava-o capotar, tombar, colidir, incendiar-se... Estudava a melhor forma de agir em cada uma das situações, mas nada a satisfazer-me. Então, como alguns, movi os lábios aos céus, sem muita convicção, mas a esperar alguma graça em meio à eventual desgraça:

— Ajude-me, Senhor!

Pude ver a pick-up logo atrás. Tentava nos ultrapassar. O motorista do ônibus a evitar como podia. O veículo a sacolejar à esquerda, à direita, num zigue-zague arriscado em sua flexuosidade comprimida... Súbito, saiu da esquina o Fiat

azul. O motorista da pick-up juntou os pés no freio. Deu para ouvir as rodas travarem, os pneus arrastarem-se no asfalto... Fomos nos distanciando dele... E aqueles segundos e algumas dezenas de metros foram incapazes de trazer alívio à maioria, aterrorizada com o iminente desastre, mas pude ver, com alguma precisão, o relato a seguir: houve um baque seco. E uma explosão. As vibrações foram tão fortes que sacudiram o ônibus. O motorista perdeu a direção, subiu no meio-fio e bateu em um muro. Toda a minha experiência em imaginar situações como aquela, e até mesmo ensaiá-las, sabe-se lá por que, não me ajudou em nada. Fui jogado para o meio do corredor. Bati as costas nas

cadeiras ao lado, dei uma espécie de cambalhota e rolei sobre mim mesmo. Parei com as pernas entre os vãos das cadeiras. Senti dores por todo o corpo... Ouvi gritos e gemidos. Vidros estilhaçarem-se. Ferragens retorcerem. Lataria afundar... O muro ruir... Objetos rolares pelo piso... Uma sirene distante... Vozes de fora. Apelos por socorro... Havia um neon gigante diante da janela; não pude ler, mas a luz vermelha, não... laranja, não... verde... talvez todo o arco-íris a flashear nos meus olhos, deu-me o desejo involuntário de fechá-los; eram farpas a esfolar a alma... e, em segundos, tudo era nada.



coluna do

ClodoKill

Fernandes



O OBSCURO MUNDO DAS “BABIS”

Existem coisas inexplicáveis neste mundo, a despeito dos racionalistas dizerem ser tudo explicável; mas não vou me meter com eles e muitos dos seus sofismas, porque os paralogismos, quando justificados, acabam por se tornar ainda mais impenetráveis e ridículos. Mas quando se trata do Brasil, como se diz em bom português, “o buraco é mais embaixo”.

Num mundo tecnológico, onde os avanços de chips, linguagens, transmissões, A.I. e inúmeros upgrades na relação homem-máquina, chega a ser bizarro e canhestro os chamados “atendimentos virtuais”, de bancos, lojistas e praticamente tudo que envolva o comércio e atividades eletrônicas. Não falo dos “call-centers”, pois desses queremos fugir como o diabo da cruz. Falo das “Evas”, “Bias”, “Lus” e tantas outras ineficientes. Parece que estão a tratar com um chipanzé debiloide ou senil, tal o grau de boçalidade das plataformas. Elas servem para tudo: segunda via de faturas, alterar data de vencimento, informações sobre saldos, gastos e mais um monte de dados encontrados no próprio site ou aplicativo. É como se dissessem: “Você está ligando para nós por quê? Seu burro!”. Será inverossímil a hipótese de haver algo além do mísero “beabá”?

Por exemplo, se deseja cancelar uma com-

pra realizada por compulsão ou porque achou preço melhor, na maioria das vezes os sites e aplicativos não dispõem dessa opção. Então, você terá de ligar para as “Tatis” da vida; e tacam-lhe promoções, eventos, autoexaltações do tipo: “O melhor banco de todos os tempos”, ou “A loja nota 1000”, para então, e somente então, a “Babi” enumerar uma lista de escolhas básicas, disponíveis, como já disse, facilmente nos sites e aplicativos. Nós, meros consumidores, somos vistos como bocós... Ou seria uma estratégia para fugir das queixas, devoluções e arrependimentos?

Em tempos de A.I. ou I.A., vai ao gosto do freguês, o atendimento virtual permanece extremamente tosco, como no século passado. E dizem, para piorar, estarem em busca da excelência e melhoria. Como no Brasil tudo parece piada pronta...

Hoje, se manipulam imagens, informações, sinais, a realidade e até mesmo a Constituição; pode-se tornar homens em quase “mulheres” e vice-versa, latir como um cão e o cão latir como homem, enquanto a porcária das “Lias” se mostra estúpida e ordinária... É um enigma que, duvido, os racionalistas tenham o poder de explicar; e caso digam ser apenas questão de tempo para se ter a resposta, a verdade é que esses metidos são mesmo um bando de ...

“A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

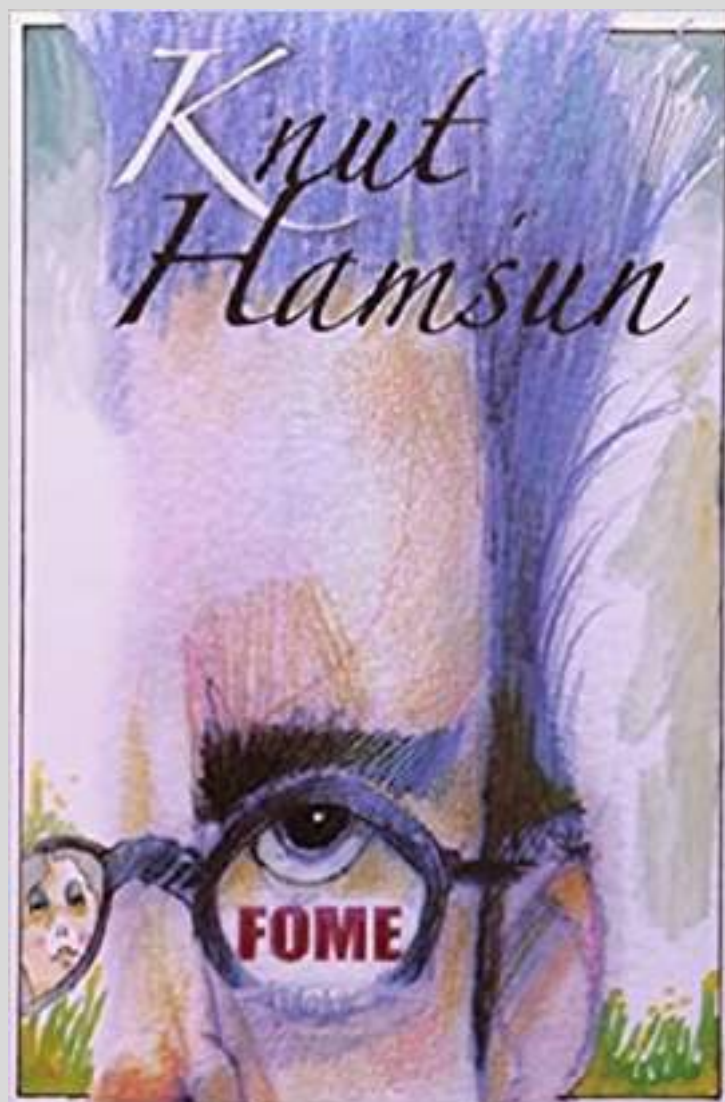
amazon.com.br ou kalamos.com.br

Lá pelos meus dezenove, vinte anos, li este livro por indicação de Charles Bukowski, autor que sorvia compulsivamente, cujo estilo “despojado” de escrita admirava. Investi esforço e saí à caça de “Fome”, de Knut Hamsun, autor, inclusive, laureado com o Nobel. Até então, para mim, noruegueses eram pródigos na produção de bacalhau e petróleo; não imaginava que tivessem uma literatura “parruda” e um Nobel, apesar da Academia se instalar concomitantemente em Estocolmo e Oslo, jamais ouvira falar de um grande escritor, não obstante, seria suficiente como sinal de alerta, das coisas não serem como pareciam ser. Pois bem, acabei por encontrar uma reedição publicada pela Civilização Brasileira, com tradução de Carlos Drummond de Andrade.

Exemplar em mãos, passei à leitura, e, depois de três décadas, não me recordava de muitas coisas a não ser as andanças do personagem principal por Cristiânia (atual Oslo) em busca de trabalho, comida e abrigo, e notar algumas tênues semelhanças com Raskolnikov, de Crime e Castigo.

Ao passear pela Amazon, deparei-me com a nova edição da Editora Itatiaia, e resolvi lê-lo novamente. Algumas coisas se confirmaram: para um livro publicado em 1890, “Fome” tem uma simplicidade narrativa e estrutural quase inéditas. Não me lembro, no momento, de outro título, à época, a assumir essa posição.

Durante a leitura, foi possível notar a influência de Hamsun em autores como Hemingway, Fitzgerald, Miller e outros tantos, inclusive o próprio Bukowski. A cada página uma estranheza indefinida vinha intermitente, inexplicável, como alguém a girar em torno de si mesmo sem parar, feito piorra. Entretanto, engana-se quem não percebe as entranhas de “Fome”. O autor vive em constante dilema, seja no aspecto físico, a realidade da sua penúria e miséria, seja no insucesso da sua carreira de escritor, no amor, e em algum auxílio da sociedade, já àquela época tão preocupada e resguardada nas aparências. Se antes era um homem promissor, autor alvissareiro, bajulado



por uns e outros, gradualmente se viu obrigado a penhorar livros, objetos pessoais, roupas e até mesmo os botões do seu casaco. Restaram-lhe as roupas de mendigo, sujas, puídas, desbotadas. Seria uma analogia ao seu estado de espírito? À degradação da sua alma? Como Dorian Gray no seu retrato?

“Sentado no banco, e absorto nessas reflexões, sentia-me cada vez mais azedo com relação a Deus, por causa de suas insistentes provações. Se ele supunha chamar-me para junto de si e aperfeiçoar-me pelo martírio, acumulando mortificações em meu caminho, estava um tanto enganado, podia garantir-lhe. Levantei os olhos para o Altíssimo, quase chorando de orgulho desafiador, e disse-lhe essas coisas uma vez por todas, mentalmente.” (pág. 23)

Esta mania que o homem moderno tem de eximir-se invariavelmente de qualquer culpa ou responsabilidade atribuindo-a a outrem, à sociedade ou a Deus, em última instância é apenas o reflexo do Adão perdido no Eden após a sua queda: culpa-se tudo e todos, menos a si mesmo, ao seu desejo ilícito e a sua imoralidade disfarçada, mas não menos exposta e saliente, como a se ver em meio às sombras, a fugir para a escuridão pensando ir à luz.

Se existe algo a propor loucuras na mente é a fome. Se há o “start” da fraqueza, é ela. Não subsistem os princípios morais, éticos e humanitários. Como a avalanche: é capaz de arrastar quem estiver por perto, sem muito esforço.

O personagem principal, cujo nome verdadeiro não sabemos, ao adotar vários no decorrer da trama, em seu orgulho e jactância, desce a escala moral em direção ao fundo do abismo. Entrega-se à mentira, dissimulação, furto, cobiça e tudo o mais que o seu estado deplorável permite. Entretanto, é incapaz de impedir a humilhação, o descrédito e a pilhéria. Vê-se, também, paranoico, enrolado e imerso na própria confusão criada. É a receita do desastre, agravado pelo desprezo à sociedade, à agitação urbana, aos valores impregnados na maioria das pessoas; ainda que, uma e outra, ao perceber-se alvo da gentileza e compaixão alheias, reconhece-as bondosas, mas trata quase imediatamente de despojar-se delas e as suas ações. Não pouco, me vi a perguntar: “Por quê?... Qual o sentido disso? De não se precaver e ser racional?... Parece não haver apenas uma indigência corpórea, mas espiritual; ao perder os sonhos, se encontrava igualmente desnorteado, sem identidade, sujeito às atitudes mais absurdas e levianas. Pode-se dizer estar às portas da loucura, produzida pela empáfia e cinismo. Logo, apesar do estado de penúria, os momentos de arroubos ufanos, predem-no a um mundo intolerável e indigno.

“Não obstante, aquele cobertor verde me importunava. Por outro lado, não condizia com a minha dignidade carregar semelhante

pacote debaixo do braço, à vista de toda gente. Que iriam pensar de mim? Caminhando, procurava lembrar-me de um lugar onde pudesse guardá-lo até nova ordem.” (pág.34)

A miséria transtorna e o leva a laivos de hipocrisia. Ao considerar-se melhor do que os outros, incapaz de agir pelos meios deles, de infringir as leis naturais, de ter consciência pura e inocente, numa ilusão e delírio, se mete nos mais banais e caricatos pecados. Vive em paradoxo, onde é incapaz de manter a honra e inocência, e acaba por meter-se num emaranhado desconexo de indulgências e lamentos. Sim, ele é um vitimista, onde todos os problemas, via de regra, concentram-se no exterior, à parte dele. Raramente se dá conta do próprio fracasso e de como contribuiu peremptoriamente à decepção e abandono.

“A consciência de minha honestidade subiu-me à cabeça, inundando-me com o sentimento grandioso de que eu era um caráter, um farol de extrema claridade em meio ao oceano lamento dos homens, entre destroços flutuantes.” (pág. 43)

Para ele, a fome é a causa de todos os seus problemas, a razão dos dilemas, inclinações e máculas, e não o contrário; dela ser tão somente a consequência das suas escolhas, hábitos e frustrações, guiados pelo orgulho às vezes maior, outras, menor, mas sempre efetivo em algum aspecto nas suas decisões. Paulo escreveu: “Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia.” (1 Co 10:12).

Ele é um homem que vive na escuridão, com entremeios dispersos de luz ou penumbras, ao ponto em que, de consequência a fome tornou-se também em causa da degradação, em todas as esferas e facetas do ser, a afundá-lo mais e mais na desilusão, em devaneios e reações descabidas. Faltou-lhe o prumo, e o estado famélico elevou o desequilíbrio, em constante amálgama de sonho, delírio e realidade modelados pelo âmago caótico, mas a julgar proveniente do exterior. Se a fome aparenta simplicidade, as emoções, razão e sentimentos são atormentadoramente complexos, às vezes

controláveis, na sua maioria exaltados e indômitos.

“Expliquei o caso, contando a mesma história da véspera; menti de olhos abertos, sem pestanejar, menti com sinceridade: ‘infelizmente, farreei um pouco além da conta num café, e perdi a chave...’...ninguém me ofereceu um bônus, e não tive coragem de reclamá-lo. Instantaneamente, isso despertaria desconfiança. Começariam a remexer em minhas coisas, descobririam quem eu era realmente. E me deteriam por falsa alegação. De cabeça erguida, com a atitude de um milionário, de mãos presas ao forro do paletó, retirei-me do Depósito” (pág. 67).

Neste círculo vicioso, o protagonista não parece ter saída para a sua alma atribulada, cheia de angústia, humilhada, mas segura em uma altiva inutilidade, incapaz de satisfazer-lhe no desejo mais simples e trivial, a comida. Tudo o afasta dela, e ele é o único promotor a garantir e manter o distanciamento. A despeito da ajuda aqui e acolá, em seus ímpetos atarantados e evasivos, ambíguos e artificiais; pois a fome não lhe dera outra personalidade, apenas manifestou-a, retirou-a das entranhas e expô-la, e produziu um tipo de sinceridade traiçoeira e impostora.

“Deixava-me dominar pelo orgulho, saltava à primeira provocação, do alto da minha soberba, atirando dez coroas ao vento, e ia-me embora... Censurei-me severamente por haver deixado o quarto e ter-me posto de novo em apuros.

Afinal, para o diabo com tudo isso! Não pedira aquela nota de dez coroas, mal a tivera na mão, e logo a passara adiante, em pagamento a alguém que nada significava para mim, e que nunca mais veria.” (pág. 166)

Se o grão não morre, fica só; mas se morrer, produz muitos frutos. Para o personagem sobreviver era a resposta, e de alguma forma, ser herói de si mesmo, bastava-lhe. A solidão e o isolamento persistiram enquanto marinheiro, indo para Leeds. Assim como a sua alma errática. Se trocarmos o homem pelo grão, restar-lhe-ia o quê? Na solidão?

Por fim, seja pela sobrevivência ou a conclusão lógica de todo o aprendizado, se entregou à ajuda, se dispôs à solução, tão óbvia, mas que postergou ao esgotamento, até quase sucumbir.

E, então, “disse adeus por essa vez a Cristiânia, a todas as casas, a todos os lares, a todas as luzes que brilhavam e rebrilhavam nas janelas.”

Avaliação: (***)

Título: Fome

Autor: Knut Hamsun

Editora: Itatiaia

Páginas: 171





VOTE EM BOBÔ

um conto de **MICHEL SALOMÃO**

As eleições municipais estavam se aproximando e a repercussão do sumiço de Bobô foi desproporcional, aventura narrada na edição anterior, viralizando no Youtube, no X, no Instagram e no Facebook, e principalmente entre os grupos do WhatsApp, o fez com que os partidos voltassem seu interesse para a sua candidatura ao cargo de Vereadora.

Independentemente de sua condição monossilábica, o que aparentemente não combinaria com a sua atuação como representante do povo, sua imagem foi associada a causas ecológicas, à proteção dos animais e dos grupos minoritários, sendo escolhida como a rainha dos LGBTQI+ou-, além de embaixadora dos Koalas, apesar de não haver, pelo que se saiba, um único exemplar no Brasil, pois a notícia que se tem é que o último deles, que vivia em um zoológico no sul do país, faleceu depois de ingerir uma caixa de chicletes jogada por um irresponsável visitante.

Seus vizinhos se incumbiram de distribuir santinhos por toda a cidade, e até marcaram um comício em frente à praia de Copacabana, onde foi lançada oficialmente a sua candidatura. Porém, Bobô parecia não se dar conta do que estava acontecendo, e continuava levando sua vida pacata, distribuindo os petiscos para os cães da região.

O lema de sua campanha era “agora BOBÔ!” Nada mais do que isso. Os carta-

zes e cédulas estampavam a sua foto, com a cara abobada e uma porção de petiscos nas mãos. Fizeram uma montagem e colocaram vários cães ferozes ao seu redor, dando a entender que ela empreenderia um feroz combate à cachorrada, fazendo uma alusão aos corruptos que tomaram conta do país.

Os partidos de oposição procuravam encontrar uma forma de atacar a sua reputação, pois nos tempos atuais é assim que funcionam as disputas eleitorais, como uma espécie de Big Brother, onde os vencedores não vencem pelo mérito, mas por exclusão, com a eliminação dos adversários, mas não havia como encontrar qualquer registro desabonador a seu respeito na internet ou nos cartórios, e assim Bobô foi eleita.

Contudo, antes do pleito, o partido fez com que ela assinasse um termo de renúncia, sob a promessa de fornecerem a ela um pacote de 15 kg de ração super premium para distribuir aos cães de rua (mas acabaram não cumprindo), e assim o seu vice, um conhecido bicheiro que financiava uma Escola de Samba e controlava o comércio de drogas na comunidade do bairro, assumiu o posto em seu lugar.

E Bobô retornou à sua principal atividade, que era distribuir alimentos para os cães, como se cada petisco jogado fosse o último, dizendo sempre “bobô... bobô... bobô... bobô...”



A ressurreição...

Natan de Oliveira

...

Já se passaram muitos anos...

Foi lá pelos lados da (na época conhecida como) Rua do Fogo...

Hoje região conhecida por Município de Sangão...

A notícia se espalhou rapidamente...

O menino Bertinho, como todos o chamavam...

Apenas 11 anos de idade...

Sobrinho do compadre Manoel e da comadre Joaquina...

Tio do (meu avô) compadre Doro...

Que era casado com a minha avó Delice, irmã da Tia-avó Cantalice...

Mãe e Tia da minha mãe Miquita...

Era ele portanto, o menino Bertinho...

Meu Tio-bisavô por parte de minha mãe...

Sangue do meu sangue...

Estava morto!

Tão novo!

Tristeza muito grande...

Automóvel não havia...

Mas se foi por carro de boi ou por bicicleta...

Se foi de charrete ou se foi por "bater" de canelas...

Ninguém sabe...

Mas o fato é que a notícia se espalhou...

E logo, de perto e de longe...

Os amigos e parentes foram se achegando para o velório...

Mandava o padre e ninguém questionava, que o pranto devia ser de 24 horas, velando assim o corpo daquele que havia então adentrado no Paraíso de Nosso Senhor...

O velório ia adiantado nas horas...

O padre, sacristão e coroinhas se posicionavam para iniciar a triste liturgia...

Os parentes mais próximos choravam...

Os não tão próximos conversavam com sisudo ar de respeito...

Os mais distantes riam e aproveitavam o evento para colocar as fofocas e novidades em dia...

Bertinho deitado no esquife de menor tamanho para a sua pequena altura de 11 anos, indiferente a todos...

Rodeado de flores da cintura até os pés...

Tinha as mãos infantis cruzadas na altura da cintura...

E entre os dedos havia sido colocado de forma reverente...

Um colar do Terço da Divina Misericórdia...

Sopa era servida para os que vieram de longe, mas os de perto também tomavam...

Café bem quente era livremente disposto sobre uma mesa lateral...

Tudo ia de acordo com os conformes da tradição local...

Foi então que o defunto de Bertinho sentou no caixão...!!!!!!

...

Diz a lenda...

Eu não estava lá...

Nem havia nascido ainda...

Não tive oportunidade de conhecer o finado Tio Bertinho...

Mas diz a lenda...

Que a correria foi grande...

E teria havido quem tivesse ficado entalado na porta estreita da casa tentando todos sair correndo do recinto ao mesmo tempo...

Tio Bertinho atônito...

Ressurreto...

Sentado no caixão...

Olhava a todos arregalado sem saber o que estava acontecendo...

A notícia se espalhou por todos os lados...

Tio Bertinho tinha retornado do mundo dos mortos...

...

O fato é que depois de sua primeira morte...

Tio Bertinho viveu muitos anos...

E morreu novamente muito tempo depois com mais de 90 anos de idade...

Todavia, a sua primeira morte tinha cobrado um preço alto pelo seu retorno...

E Tio Bertinho depois de ter sentado no caixão...

Nunca mais cresceu...

Nem em altura...

Nem cognitivamente...

Ficou "adulto" e bem velho...

Mas sempre com a mentalidade de um menino de 11 anos...

E sempre pequenino na altura de um menino de 11 anos...

...

Muitos anos se passaram...

E nos seus últimos dias de vida...

Tio Bertinho demenciou gravemente...

Muito velhinho era então cuidado por sua sobrinha...

...

Um certo dia ele "menino" "velhinho" "ressurreto"...

90 e poucos anos...

Totalmente demente...

Fez as necessidades no seu quarto...

Limpou com as mãos...

E esfregou tudo nas paredes do quarto...

Quando sua sobrinha cuidadora entrou no quarto e viu o estrago...

Gritou desesperada...

"TIO BERTIIIIINHO...! TIO BERTIIIIINHO...! O QUE FOI ISTO...?"

E ele deu um sorriso de menino-velho sem dentadura e disse todo faceiro...

"É merda pura mesmo..."

"É merda pura mesmo...!"

O velho e a praia – Parte VI



Jorge F. Isah

Ela pegou a bicicleta, a dar voltas na orla. E se distrair, regalar-se em meio à areia, calçadão, entre as alamedas de coqueiros e grama rala, uma ou outra planta diferente, algumas floridas, outras ressequidas, mas o conjunto se tornava harmônico, se não se prendesse aos detalhes. Várias vezes se admirou, encantada com o azul do céu, o verde das águas, e ainda que houvesse marcas de fezes e urinas de cães, e também não raro o odor fétido dos banheiros químicos estrategicamente instalados a cada 500 metros, aquela praia era o lugar que jamais sonhou viver, mas agora se tornava no melhor lugar a imaginar viver; e não seria alguma intervenção humana, aqui e acolá, a mitigar o seu “quintal”. Sim, é como se referia ao lugar: o meu quintal. Por vários motivos, era a forma de exaltar a nova morada e também, lá no fundinho, levar à inveja amigas e parentes...

Enquanto pedalava, cumprimentando uma ou outra pessoa a encontrar pelo caminho, vieram-lhe à memória as cenas

das montanhas, uma após outra, na cidade natal, em Minas. Olhava para ela como se fossem muros a prendê-la nos vales, uma espécie de claustro de onde não podia sair. O que haveria do outro lado? Se perguntava dia sim, outro também. Os pés descalços a amassar a poeira vermelha, seca, áspera, ou a lama escorregadia, grudenta, basta; aquele era o cenário para as brincadeiras entre os irmãos, primos e amiguinhos, cujas inocências ainda não haviam sido completamente desarticuladas e entregues aos apelos nocivos da alma. A igreja era o orgulho da cidade. Segundo os adultos, era a terceira maior catedral em todo o estado. Em dia de festas e celebrações, romeiros vinham de longe, a fazer a alegria ou não de parentes e amigos, mas certamente dos hotéis e pousadas; poucos, é verdade, de tamanhos diminutos e acomodações módicas, mas repletos da alegria que as diárias mirradas proporcionavam. Para ela, havia sempre a mesma questão, uma angústia cujas respostas não satisfaziam, e o aperto no peito, uma tristeza a estender-se dias e

noites sem qualquer refrigerio.

— O que haverá do lado de lá? — Perguntou à Ivonete, a prima com quem dividia suas preocupações.

— Ah, lá vem você de novo com essa coisa...

— Disse, enquanto fustigava um inseto no chão com um graveto.

— Eu apenas queria saber... Não é possível que tudo se resuma a isto aqui... Sei que não, mas ia gostar de saber o que existe por trás das montanhas... A Naná me levou no alto daquele monte, e só vi mato, árvores, gado e mais nada.

— Lurdinha, você não cansa de perguntar a mesma coisa?... Todo mundo já te respondeu o que tem do outro lado, mas você não quer aceitar. Por quê?

Pensou um pouco, não mais de alguns segundos, e a resposta veio-lhe com acentuada melancolia:

— Eu queria ver...

Ivonete, dois ou três anos mais velha que a prima, não se interessou muito pela explicação, e espremendo o graveto no inseto, fixou-o no chão. A agonia de instantes, silenciosa, trêmula, enfim esgotou-se.

— Vamos brincar.

As duas saíram a correr pela trilha de terra em direção à vila, onde outras crianças se reuniam para as diversões de pique, esconde-esconde, atirar pedras no laguinho, escavar buracos na terra dura. Havia ainda a “fábrica” de tijolinhos de barro e as comidinhas, geralmente a mescla de ervas e folhas comestíveis, assadas em fogos improvisados com lascas de madeira e serragem. Alguns, a caçar passarinhos. Outros, a roubar frutas dos pomares alheios. E assim os dias se passavam, entre modesto e frugal, mas de um despojamento quase leviano.

Sentou-se no banco de madeira, após encostar a bicicleta em um poste e passar-lhe a corrente, pois, a despeito da beleza e tranquilidade do lugar, não era de bom grado descuidar-se dos eventuais e sempre importunos larápios. O mar estava calmo, em ondas lentas e praticamente sem espumas.

À distância, via-se um ou outro cargueiro, como pontos perdidos e longínquos no horizonte, à espera de entrar e atracar no porto. Até onde a vista ia, era água e mais água, entrecortada por uma prancha de surfe, um barco de pesca, uma lancha ou, simplesmente, a solitária liquidez de sua placitude espelhada, a refletir os raios do sol ou a forma das nuvens... Os pássaros desfilavam em seus voos disformes e chegavam, no ver de Lurdinha, a poluir todo o cenário. Não sabia por que raios Antenor os amava; apenas emporcalhavam tudo, por onde planavam. Somente um doido como ele podia tecer loas às aves e, talvez, pensou, era por causa do amor dele por elas que as detestava tanto.

Correu à cozinha.

— Mulher! O arroz queimou, de novo?!

Ela não o encarou. Mais uma vez, e já não sabia por quantos vezes fora alertada, não havia explicação ou desculpa.

— Foi só um pouquinho...

Não era a primeira nem provavelmente a última vez que o marido falava sobre o assunto:

— Já lhe Certa vez, em um dos aniversários, ele saiu com um presente de grego. Chegou todo esfuziante, com uma enorme caixa nas mãos, o embrulho vistoso e impecável, somente possível por conta do seu meticuloso cuidado em fazer praticamente tudo, de transformar tudo em uma espécie de missão ou arte, sem amarrotados, vincos ou defeitos. Não sabia se o pegava ou pedia para ele abri-lo, tal o nervoso de se ver a rasgar e esmigalhar o papel.

— Posso? — ela disse hesitante.

— Claro, querida! É todo seu!

A licença pareceu forçada, mas... Ah, que se dane! — pensou, e em um arrojo, meteu um rasgo de fora a fora no embrulho... Deu para ver um leve tremor no marido, enquanto o invólucro se desfazia... O que era aquilo? Brincadeira?... Entre tantas coisas imagináveis e possíveis, por que justo isto?... Não soube conter a decepção... Olhava a caixa sem acreditar.

— Mas o que deu em você?! — expressiu-se com um espanto descomedido até mesmo para uma surpresa inconveniente e desagradável.

— Como assim? — Antenor não conseguiu entender os motivos pelos quais a mulher reagira tão hostil ao regalo.

— Como assim?!... Entre tantas coisas, foi pensar em cavalete, tela, pincéis e tinta?... Onde estava com a cabeça? — Encarou-o, circunspecta. Nem ao menos percebeu o seu embaraço e o quão atônito ficara.

Ele esforçou-se em justificar a escolha:

— Queria vê-la retomar o seu talento... Lembra-se dos desenhos de quando éramos jovens? E do curso na Guignard?... E, também, você estava reclamando que precisava fazer algo diferente, não foi?

Veio à mente todas as recordações do tempo de namoro, dos primeiros anos de casamento, quando o marido a estimulou a desenvolver o seu gênio, as primeiras aulas na escola, mas nada daquilo era realmente o seu desejo; fazia-o mais por conta dele e de como ficava eufórico ao imaginá-la em um atelier, a expor seus quadros, à fama e o sucesso de vendas. Era muito mais o sonho dele... Ela queria mesmo é ser mãe, esposa, e cuidar da família. Nunca se imaginou artista e, poucas vezes se alegrou com um desenho, já que nunca chegou a pintar ou desenvolver a aspiração de fazê-lo.

disse um milhão de vezes para não deixar o fogo tão alto, porque você acaba se descuidando e queima tudo. Toda vez é a mesma coisa: sempre tem comida com gosto de cinza... — E, mais tranquilo, completou:

— Por que você não consegue fazer as coisas com paciência e calma, e tudo acaba por se resumir a qualquer resultado desde que seja rápido?... Desse jeito, você nunca fará nada que preste!... Sempre querendo bater o relógio, em uma competição tola.

Ele já havia tentado todas as coisas, desde argumentos, lógica, imagens e até mesmo análises de cientistas e especialistas quanto a um sem-número de coisas que ela fazia assim... de qualquer jeito.

Para ela, sem entender os reais motivos para sempre agir daquela forma, não havia possibilidade de se curvar aos argumentos do marido, pois, afinal, quem ele era? O sabichão? Dono de todas as verdades?... Ele até podia ser, e ela não dizia de si para si que ele era, mas havia a dúvida de se era ou não, entretanto, aceitar a ideia como fato a tornaria, de alguma maneira, submissa a ela; bastaria concordar uma única vez para se ver obrigada a aquiescer sempre, e isso, custasse o que custasse, era algo completamente fora da sua cartilha; não iria jamais acontecer. Não ia dar a ele esse gostinho...

— Por que está brigando?... Deixa de ser chato e para de discutir!

— Mas não estou brigando, apenas falando... Desde quando ponderar sobre algo vira ataque?... Você está é desviando o assunto, como sempre.

— Não disse!! Olha você discutindo de novo!

— De que adianta tentar pôr juízo na sua cabeça, se a única coisa que interessa é continuar fazendo o que faz sem se aperceber do que faz?

Ela até podia entender todo aquele palavratório, mas não estava nem um pouco disposta a isso. Que ficasse com suas frases complicadas e ininteligíveis. Estava cansada de querer entendê-lo, e, também, já era mais do que a hora dele compreender de uma vez por todas que não mudaria, e teria de aceitá-la como era e não como queria.

— Isso é passado... Não me interessa mais... Não quero saber de cursos, trabalho ou qualquer coisa que me prenda... Por que não comprou um secador de cabelos?... É do que preciso, por hora. — acalmara-se, finalmente, e somente então percebeu como fora deselegante e intempestiva com o marido.

— Um secador?! Isso lá é presente?!

— E isto, é?!

Moveu a caixa na direção oposta, ao encontro do marido.

— Bem, pensei que fosse... — desapontado, pegou o estojo e revirou-o de lado a outro,

como se o examinasse.

— Pode devolver... Se quiser me dar um presente, quero o secador. — Deu-lhe as costas e foi à cozinha.

Era sempre muito difícil dar um mimo para Lurdinha. Ela não gostava de perfumes, joias, roupas novas e qualquer coisa que não tivesse uma tarja vermelha a indicar pechincha ou liquidação. Nada a ultrapassar dois dígitos. O dilema de agradá-la estendia-se desde os tempos de namoro, porém, àquela época, resistia menos, quando lhe deu um anel, um par de brincos e um relógio. Todos guardados em uma caixinha de joias, utilizados uma ou duas vezes e nunca mais. Com roupas e calçados era a mesma coisa: se imaginasse algo dispendioso, tratava logo de pôr um defeito no objeto a fim de trocá-lo pelo maior número de vantagens possíveis, em dois, três ou mais itens. Se havia algo em sua natureza oculta ou imperceptível era a vaidade e o exibicionismo. Com muita dificuldade, no decorrer dos anos, ensinou-a, pouco a pouco, a reconhecer o valor de produtos mais caros e de qualidade. Mesmo assim, sempre havia a máxima de que “um tênis de \$500 calça tão bem quanto um de \$100”; o adágio valia para tudo o mais.

Certa vez, comprou sapatos em couro, de uma marca famosa; um produto de qualidade inquestionável. Ela quis devolver, quando soube do preço, embora o marido

tenha-o reduzido em 40%.

— Pode devolver! Não vou usar algo tão caro.

— Não tem jeito... A promoção só permite a troca por outro número ou modelo da mesma marca e similar. Você terá de usá-lo, quer queira ou não.

Com muito custo, ela os usou, e surpreendeu-se tanto com o conforto e qualidade que nunca mais adquiriu itens de outra pisadura.

— Não disse que você ia gostar? — proferiu triunfante.

Mas quanto aos apetrechos de pintura, nada a demoveu de querer o secador. Antenor acabou por vender o kit para um vizinho, e comprou o objeto de desejo de Lurdinha.

Havia coisas em que ele a moldara, e outras em que ela o pôs na forma. Até certo ponto, as influências dela eram maiores nele do que o contrário. Entretanto, ela sempre questionava o porquê de ele tanto querer persuadi-la a isso ou aquilo, decorrido tanto tempo, sem que se apercebesse da impossibilidade desse ardil. Não seria mais fácil se render e deixá-la tal como Deus a fez?... Não via razão para tantos reclames e críticas... Ela era o que era, e pronto! Seria muito mais fácil aceitar e convencer-se do impossível... E, também, era melhor ele a ouvir, e abandonar o montão de defeitos que tanto a irritava e, certamente, o tornava um velho chato e rabugento.



FAÇA

TEATRO

Curso Profissional & **NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

WhatsApp: 98025-1010

vagas limitadas!

NET



Helvécio S. Pereira

Diário de um sujeito

Quem não souber o significado de mania que o procure e recorde a sua definição. Em princípio, temos que reconhecer: todos temos manias. O que muda é a quantidade, variedade e o impacto que elas ou, pelo menos algumas, têm mais profundamente em nossas vidas. Por outro lado, não somos os únicos a desenvolver algum hábito inútil, mas misteriosa e estranhamente prazeroso.

Sim, porque hábitos ou manias dão prazer cada vez que os exercemos e os tornamos crônicos, na escalada dos vícios. Especialistas afirmam que esses hábitos causam angústias, e quem os cultiva deve fazer terapias até o fim de suas autocomplicadas vidas, apenas a fim de entendê-las, sendo impossível curá-las. Tudo isso para o prazer, senão sádico, jactante, dos terapeutas, sem contar a recompensa pecuniária. Talvez equivalham à máxima dos extintos pela pandemia de Covid, os alcoólatras anônimos: “uma vez alcoólico, alcoólico para sempre”!

Se as manias são para sempre ou não teríamos de recorrer a registros nominais e contabilizá-los (estatísticas): quantas pessoas morreram com suas crônicas manias e hábitos inúteis e quantas os abandonaram, como e quando... Eu mesmo sou chegado à mania por pesquisas esdruxulas e não sei como me livrar dela; na verdade, ainda não tentei.

Tenho manias, não tantas, mas algumas ficam tão claras e cristalizadas “for ever and ever”!

A cachorrinha que todos amamos, lá em casa, tem manias. Ela detesta acordar cedo; exceção quando sua “mamãe”, minha esposa, decide se levantar ao alvorecer. Entretanto, quando eu ou meu filho nos pomos de pé, nas primeiras horas da manhã, especialmente caso precise arrumar minhas tralhas, a “filhinha” fica possessa, rosnando e ameaçando morder todos sem distinção. Também, tem horário para dormir. Pontualmente, às vinte e duas horas, pula para o nosso leito nupcial e ladra com todo mundo que ainda estiver acordado, indicando ser a hora de nos recolher. Além disso, tem o seu lugarzinho predileto no sofá, o lugar da água, o paninho velho, sempre no mesmo ponto para o “pipi”; hora do almoço e do jantar; do café da tarde a comer as mesmas coisas que comemos, especialmente pães de queijo quentes (frios jamais!) e outros quitutes. É mesmo uma “pessoinha”, um membro da família, com participação cotidiana igual às nossas, só não paga boletos... Detesta barulho, conversas de estranhos na escadaria, no andar do prédio, capaz de se enfurecer com o bate-papo no estacionamento. Não gosta de crianças e intimidade ou carinho de estranhos. Adora ver vídeos de chuvas, sons de cachoeiras e paisagens frugais na Tv. Quando algo a incomoda, um som distante, por exemplo, emite frases completas, na forma de latidos veementes e quase ininterruptos, como se estivesse a descrever e reclamar dos miseráveis a causá-los.

Tenho manias de comprar coisas repetidas, iguaizinhas mesmo. Mania que reconheci e assumi recentemente. Roupas de cores discretas e nunca chamativas, almoçar em restaurantes numa mesa de três ou quatro lugares e sozinho. Nos coletivos, prefiro os

assentos de cadeirinhas individuais, sem precisar aturar alguém ao lado. Não vou mais a igrejas, porque simplesmente percebo e odeio a intimidade não autêntica e o amor fingido. Bem, mas este é outro assunto, controverso, com várias perspectivas.

Outras manias ou hábitos ligeiramente estranhos é de ter mesas e bancadas bagunçadas, mas numa “bagunça organizada”, onde o desleixo significa tão somente a minha organização cerebral (veja lá o que vai pensar de mim...). Falando em manias, a convivência em família, com várias pessoas, é realmente difícil e confusa, mesmo para aquele casal cuja relação durará cem anos.

Somos três em casa, e todos temos manias; não acusamos uns aos outros, mas elas estão lá, visíveis a qualquer um. Por exemplo, dar descarga no vaso sanitário em que a água esteja limpa e nenhum de nós o tenha usado nas últimas de doze ou quinze horas. Só enxugo as mãos na minha toalha depois de dois anos de COVID-19, enquanto esposa e filho enxugam-se nas deles. À mesa de refeições, sempre estão postas três cadeiras, cada uma com o carimbo do ocupante, e sempre nos sentamos nas mesmas posições. Assim também é no sofá da sala, um grande L, onde a nossa cadelinha tem o seu lugar demarcado. Se algum desavisado ocupa o seu lugar, ela lança-lhe um olhar de reprovação, e se o intruso não desconfiar,

empurra-o, sobe nele até se mancar e respeitar o seu território.

Há o lugar dos chinelos, dos sapatos, já que pós pandemia adotamos todos o costume de não entrar em casa com os calçados usados na rua. Acrescente-se a isso a regra louca, ou facilidade tecnológica, de cada um ver o que deseja na TV (não a TV aberta, mas a internet) e comentar via WhatsApp. Sem contar as maratonas de séries onde analisamos os roteiros, atuações, trilha sonora e mensagens principais e subliminares. Acrescente-se a isso xingar motoqueiros barulhentos; a galera de uma escola municipal onde os alunos não são alfabetizados, visto haver apenas recreação todo santo dia, sem contar a “tara” da diretoria por microfones e alto-falantes, em insuportáveis decibéis. É a tecnologia a serviço de coisa alguma, onde, teoricamente, subsiste a “nobre” educação brasileira... Ah, também não suportamos som alto, especialmente se vier de um funkeiro ou pagodeiro.

Cacoetes, maneirismos, toques, representação, criação de personagens. Nomes ou definições de comportamentos ridículos que podem tanto definir o que somos como o que não somos. Talvez precisássemos do espelho da rainha da fábula “Branca de Neve”, cuja única ligação com a história real, adaptada pelos irmãos Grimm, foi a morte precoce da filha de um nobre, aos vinte e dois anos. No enterro, um grupo de mineiros anões homenagearam-na e o registro, ainda que ficcional, eternizou-se.

ANUNCIE AQUI

papo **CRISTÃO**

por **Michel Salomão**

Tem gente que nos atrapalha a sermos cristãos plenos. Por serem tão insuportáveis, fazem despertar em nós os sentimentos mais odiáveis, e acabamos nos envergonhando ao constatar que estamos muito longe de ser o que Jesus espera de um cristão. Se não fossem essas pessoas, receberíamos uma bela nota 7, quem sabe até um 8. E corremos o risco de perdermos a salvação.

Conheço uma pessoa que não possui uma única qualidade. Zero. Falando sério: é zero mesmo. O ambiente em que ela entra fica imediatamente poluído, não só pelo seu fedor, pois não cultua o hábito de tomar banho ou escovar os dentes, mas pela sua conduta detestável.

Costuma ocupar a todos com os seus problemas e não possui a menor humildade para perceber que está incomodando. Exige atenção, e quando não consegue o que quer, diz assim, como a maior naturalidade: “ah, então eu vou me suicidar”. Mas é mentira. Algumas vezes até tomou uns remédios, deixou bilhetes, mas o máximo que conseguiu foi uma diarreia no dia seguinte.

Ela morre de medo de morrer: dorme com a luz acesa, não se arrisca a atravessar a rua, não anda de avião e nem pensa em subir em lugares altos ou praticar esportes radicais.

Vale dizer que ela não tem 14, 15 ou 16 anos: em breve, completará 60. Os mais próximos acreditam que está endemoniada, e já perderam a conta das vezes em que a levaram nessas sessões promovidas por igrejas neopentecostais, onde os pastores gritam muito, falam salamalaxúrias e dão “passes” para que os fiéis caiam no chão; ela cai, se levanta, cai de novo, se levanta uma vez mais e diz que está curada, mas quando chega na porta o diabo diz pra ela: “ei, fujona, onde pensa que vai”? E entra mais uma vez.

Sei que fiz uma brincadeira com um tema sério, mas sou levado a pensar que, se isso for mesmo coisa do diabo, ele usa essa pessoa para nos provocar, para reagirmos da pior forma possível, para a agredirmos. Não podemos cair na armadilha dele. Quando acontecer, é só orar e dizer para o tinhoso: “sai fora, bicho dos infernos: meu negócio é com Deus”.

O DEMÔNIO DOS MARES

Sou uma espécie de herói da cinematografia, pois fico procurando filmes ruins para assistir, só para ter o que escrever nesta coluna.

Desta vez, encontrei uma preciosidade no Prime Vídeo, mas confesso que tive que ir “acelerando” os quadros em várias partes, pois não seria possível cumprir essa árdua tarefa com sobriedade, pois o filme é duro de se ver. Ele é dirigido por Adrian Grunberg, que já havia feito “Get the Gringo”, com Mel Gibson, e Rocky 5, com Sylvester Stallone, e mostra o drama de Paul Sturges (Josh Lucas), um petroleiro que vai vistoriar uma plataforma localizada perto de uma praia paradisíaca que havia visitado no passado, no México, e resolve levar a família. Mas o cara não sabia que o lugar estava quase abandonado, dominado por gangues cujos integrantes ociosos são cheios de crendices e carregam seus patuás.



Marginais estereotipados, com cicatrizes no rosto muito malfeitas, desenhadas com lápis marrom, e não poderia faltar o velho clichê do casal com dois filhos, uma adolescente fútil que pensa ser uma youtuber e um menino nerd.

As imagens do tubarão gigantesco foram feitas por computador, mas ele é tão, mas tão, mas tão grande que quase consegue engolir um barco inteiro. Na cena final, o herói do filme é devorado (oh, acabei contando antes da hora), e fica parecendo uma piabinha na boca do megalodonte.

Estava lendo umas críticas na internet e, incrivelmente, teve gente que gostou dessa porcaria, porque viu nele uma crítica ao capitalismo desenfreado, que destrói a natureza, e o big tubarão seria um vingador.

Mas o que interessa é que o tal Paul Sturges foi parar sozinho na plataforma abandonada, porque ninguém aceitava ir até lá, mas depois encontra dois gaiatos que a princípio parecem bandidos, mas inexplicavelmente ficam legais, e aí eles falam da maldição do megalodonte, e nesse momento a fera aparece, dando cabeçadas na estrutura metálica, e o bagulho ameaça desabar. Para piorar a situação, a esposa e os filhos pegam uma lancha e vão atrás do patriarca, mas aí o tubarão fica malucão e o Paul resolve se sacrificar para salvar a família (e a cidade, e talvez o mundo), se explodindo na barriga do bicho. O mais legal é que imediatamente depois chegam várias lanchas, com os membros da gang local se tornando bonzinhos e se prontificando a resgatar a família.

RESTAURANTE CASARÃO

a melhor comida mineira do mundo

Falamos, em outras oportunidades, da cidade de São Lourenço, em Minas Gerais, que é frequentada, em sua maioria, por cariocas e paulistas, sendo que a presença de visitantes da Capital mineira é vista com surpresa, pois fica bem mais longe. Mas deixamos de mencionar que nesta cidade existe o melhor restaurante de comida tipicamente mineira do mundo, e funciona com o sistema "self-service, com uma variedade de pratos que impressiona: é o RESTAURANTE CASARÃO, que fica na Av. Comendador Costa, 717 - tel: (35) 3331-5862, próximo à entrada do Parque das Águas, com o preço do quilo por aproximadamente R\$79,00 (julho de 2024), mas não dá para acreditar que por esse preço é possível comer uma comida de tamanha qualidade. Lá você vai encontrar vários tipos de carnes na chapa, mas o que mais gosto é a Truta na chapa, e tem também salmão e às vezes tilápia. Tem ainda um arroz branquinho, no ponto certo do cozimento, tutu de feijão, feijão tropeiro, carne cozida, frango com quiabo, mas a cereja do bolo é a couve refogada (perfeita), a mandioca frita (idem) e o pastel de carne moída.



Também tem escondidinho de carne seca, feijoada, farofa, saladas variadas, sobremesas deliciosas e muito mais.

O lugar é bem grande, mas não é bom deixar para ir muito tarde, pois não é incomum que se formem generosas filas, mas ainda assim vale a pena esperar, se for necessário.

Vale esclarecer que o este artigo não é patrocinado, e não são todos os restaurantes que conseguem manter por muito tempo a qualidade e a variedade de seus alimentos, pois não raramente mudam os seus fornecedores ou empregados, para preservarem ou aumentarem as margens de lucro, mas esperamos que não seja o caso do Restaurante Casarão, por enquanto, merece o nosso elogio.





coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.

Nelson, os meus pais querem me obrigar a arranjar um emprego, mas penso que isso é um abuso, pois ainda nem terminei o Ensino Fundamental. Acho que devo entrar com uma ação contra eles na justiça? No mês que vem completarei 34 anos.

NELSON - Com certeza, você deve entrar. E não duvido que vença a ação, do jeito que as coisas andam no Brasil.

A minha esposa anda meio estranha, recebe mensagens no WhatsApp durante a madrugada, de vez em quando dá umas sumidas, e quando pergunto, fala que foi ao médico. Será que estou sendo traído?

NELSON – Independentemente de qualquer coisa, doente ela não vai ficar.

Nelson, eu quero tornar-me um vegetariano, mas não aguento sentir o cheiro de uma picanha na brasa que enlouqueço. O que faço?

NELSON – Faça como o Presidente orientou: deu vontade de comer uma bela picanha? Coma um churrasco de abóbora. Dá na mesma, de acordo com ele.

Nelson, minha sogra é uma verdadeira jararaca. Será que se eu der uma enforcada nela, de leve, poderei ser preso?

NELSON – Sim, será. Ainda mais agora com esse negócio de empoderamento feminino. Aconselho a você dar a ela uma dose de soro antiofídico.

Tenho um amigo que é muito folgado. Quando ele vai lá em casa, abre a geladeira e come tudo o que encontra pela frente. Será que, se eu o corrigir, ele vai achar ruim?

NELSON – Já experimentou colocar laxante na comida que ele mais gosta e deixar na frente de tudo, na geladeira?

Tenho 78 anos e arranjei uma namorada de 86. Possuo alguns imóveis, aplicações e uma boa quantia de dólares e euros guardados no cofre. Fico com medo de ela estar comigo com a intenção de dar um golpe. O que você acha?

NELSON - Se ela está de olho nos seus bens, não acredito que será por muito tempo, a não ser que acredite em reencarnação.

Nelson, tenho um filho de 4 anos que já sabe fazer todas as coreografias da Beyoncé. Inclusive, é ele que escolhe todas as roupas e a maquiagem que a minha esposa irá usar. Você acha isso normal?

NELSON – Michael Jackson, Fred Mercury, Boy George, George Michael e Elton John também eram assim, quando crianças. Mas só mais tarde ingressaram no universo da música. Seu filho ainda tem a chance de se tornar um grande pop star. Mas, na dúvida, inscreva o seu menino em um curso de figurinista.